

EDUCAR PARA A VIDA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA VISÃO ONTOLÓGICA DO SER HUMANO PARA A EDUCAÇÃO

Pe. Franciel Lopes da Silva¹
Pe. Francisco Agamenilton Damascena²

RESUMO: Educar para a vida é o grande desafio da educação. Urge como problemática fundamental as seguintes indagações: as seguintes indagações: aqueles que concluíram o curso superior desenvolveram as mais nobres virtudes humanas ou são analfabetos de humanidade, sendo ainda incapazes de exercer a cidadania e estéreis para humanizar o mundo do trabalho? Estão preparados para serem sujeitos ativos ou peças inconscientes de um sistema ideológico? A humanidade não pode continuar tendo seus membros atrofiados por razão de um sistema econômico e um ensino que reproduz o modelo “ter” e não “ser”. A pessoa humana possui como exigências originárias: vida, verdade, liberdade, bem e belo. É projetada a ser. Para isso, a educação é chamada a ser humanizadora. Vários educadores estão se esforçando para educar para a vida. A fim de obterem êxito, eles precisam contar com a colaboração das famílias, dos educandos e dos meios de comunicação. Urge tomar consciência que educar é dever de todos. A educação brasileira deve buscar o pleno desenvolvimento do educando, prepará-lo para o exercício da cidadania e oferecer qualificação profissional. O fundamento destas inspirações não pode ser outro senão Deus. Temos, assim, o presente artigo elaborado a partir do método analítico. Foram identificados nos livros pesquisados os conceitos chaves pertinentes à temática em questão. Estes foram submetidos à análise que conduziram à construção de argumentos e conexões, cujas conclusões resultaram numa proposta educacional em vista da promoção da vida humana.

Palavras-chave: Educação. Pessoa humana. Comunhão. Vida.

ABSTRACT: Educate for life is the great challenge of education. Emerges as a fundamental problem some questions: those completed a college, developed the most noble human virtues or are illiterate humanity, still unable to exercise citizenship and sterile to humanize the world of work? Are prepared to be active subjects or unconscious parts of an ideological system? Humanity can not continue to have its members atrophied by reason of an economic system and a teaching model that reproduces the "have" and not "be". The human person has as originating requirements: life, truth, freedom, good and beautiful. It is designed to be. For this reason, education is called to be humanizing. Several educators are struggling to educate for life. In order to be successful, they need to rely on the cooperation of families, students and the media. We must be aware that education is everyone's duty. The Brazilian education should seek the full development of the student, prepare it for the exercise of citizenship and

¹ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis, Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Educação Superior do Espírito Santo em convênio com a Faculdade Mario Schenberg. Atualmente é reitor do Seminário Diocesano São José, em Uruaçu, e professor de Estética e Metafísica na Faculdade Serra da Mesa -FASEM. E-mail: francieltotustuus@hotmail.com.

² Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis, Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Instituto de Educação Superior do Espírito Santo em convênio com a Faculdade Mario Schenberg. Mestre em Filosofia pelo Pontifício Ateneu *Regina Apostolorum*. Atualmente é doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Lateranense. E-mail: fcoagamenilton@hotmail.com.

provide professional training. The foundation of these inspirations can not be other than God. So we have this article written from the analytical method. Were identified in the surveyed books, relevant concepts to the topic in question. These were analyzed to the construction of arguments and connections, whose findings resulted in educational proposal for the promotion of human life.

Keywords: Education. Human person. Communion. Life.

1 INTRODUÇÃO

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no parágrafo segundo, aponta que a educação formal tem como finalidade: o pleno desenvolvimento do educando; seu preparo para o exercício da cidadania; sua qualificação para o trabalho.

Há um esforço para humanizar vários setores da sociedade. Todavia, o Brasil continua sendo uma terra onde há os que entendem de máquinas e letras, os que entendem de desvio de dinheiro público e poucos os que compreendem a dignidade humana. Parece que a escravidão continua no nosso país com uma nova face. A humanidade dispõe de conhecimentos capazes de solucionar inúmeros problemas. Contudo, as mentes refinadas não estão sendo guiadas pelos mais altos valores humanos e espirituais (BEUST, 2005). Tem razão Michel Montaigne quando diz: “todo conhecimento é danoso para aquele que não possui a ciência da bondade” (apud BEUST, 2005, p. 18). Quem é o responsável por esta situação? Seriam os professores que educaram as pessoas para o individualismo, a destruição? Seria a família? O Estado? Sabe-se que o tema é complexo.

A partir destas indagações, tomar-se-á para análise a educação e a pessoa humana. Deste estudo, surgirá uma proposta de articulação entre educação e antropologia com a finalidade de salvaguardar a genuinidade do espírito educacional e o caráter totalizante da pessoa humana. Somente assim pode-se contribuir para a verdadeira ordem e progresso de toda pessoa e da pessoa toda. Do contrário, favorecer-se-á com a geração de pessoas que não possibilitarão o ser-em-comum e, por conseguinte, a própria existência humana.

2 EDUCAÇÃO E SUAS FINALIDADES

2.1 Definição de educação

É notório que a educação é determinante na vida de um povo (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2001). O modo de concebê-la pode elevar ou não o

espírito de uma nação diante das exigências da vida. Olhando sua história nota-se a constante dependência entre pedagogia, métodos educativos e vida social.

Esta constante permanece. O mundo ocidental, profundamente marcado pelo capitalismo, trouxe para o campo da educação a mentalidade consumista, utilitarista e pragmática. Não é de se estranhar encontrar escolas altamente estimuladoras do espírito competitivo entre alunos e professores entre si. E mais comum ainda é o estudante que diz: “vou escolher um curso superior que dá dinheiro”, e o pai que diz ao filho “menino, estude! Caso contrário você não conseguirá um bom emprego!”. Nota-se, então, uma visão educacional centrada no capital cuja extensão vai além do âmbito escolar.

Foi pensando nisso que os membros da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenada por Jacques Delors, desde o princípio dos seus trabalhos,

[...] compreenderam que seria indispensável, para enfrentar os desafios do próximo século, assinalar novos objetivos à educação e, portanto, mudar a ideia que se tem da sua utilidade. Uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar o tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade, aprende a ser. (DELORS, 2003, p.90).

Portanto, é uma compreensão mais totalizante da educação, isto é, considera-a como um processo que envolve a pessoa por inteiro. É um processo de se tornar ser plenamente. Compreende-se que a pessoa já “é” como potencialidade. Mediante a atuação de um intermediário, este “é” torna-se real por movimento interior gerado pela própria pessoa. Deste modo, educar é um processo do fazer vir para fora, ou um tirar fora as habilidades e competências que já se possui como capacidade.

Neste sentido, Max Scheler, filósofo alemão, diz:

A educação é humanização, o processo que nos faz homens... Esse processo, mediante o qual o grande mundo, o macrocosmo, concentra-se em um foco espiritual de caráter individual e pessoal, o microcosmo; essa conversão de uma pessoa em *mundo*, pelo amor e pelo conhecimento nada mais são que duas expressões para designar duas direções diferentes do mesmo processo conformador que se chama educação, formação. (apud LUZURIAGA, 1966, p.39-40).

Segundo Sarramona (apud PASCUAL, 1999, p.503), a educação é “um processo essencialmente dinâmico entre duas pessoas cuja duração é a vida inteira e que pretende o aperfeiçoamento do indivíduo como pessoa”. Diante destas considerações, pode-se concluir que educação é a atualização das potencialidades humanas mediante a atuação de um mediador com quem o educando estabelece uma relação dialógica baseada na liberdade. Este processo, permanente, resulta num crescente estado de felicidade do ser humano.

2.2 Caráter dialógico da educação

A partir desta concepção de educação, deduz-se que ninguém se educa sozinho. Este processo humano é sempre mediado e se dá no encontro entre os semelhantes. Trata-se do caráter dialógico da educação (PASCUAL, 1999).

Quando duas pessoas se encontram e se interagem, entram em diálogo. Há um movimento ordenado ao crescimento do saber. As liberdades entram em cena. Para que esta interação ocorra, fazem-se necessárias as seguintes condições transcendentais, segundo Pascual (1999): a. Que os sujeitos tenham uma identidade e individualidades pessoais; b. Que entre educando e educador haja uma linguagem comum que sirva de ponte entre os sujeitos; c. Que entre educando e educador se dê uma mútua aceitação das condições diferenciadas; d. Que se admita a possibilidade do progresso do não saber ao saber, ou seja, que toda pessoa é capaz de avançar no discernimento da verdade.

2.3 Finalidade da Educação

A educação se dá entre duas pessoas, duas liberdades. O que o educador deverá fazer com o educando que a ele se confia? Para onde conduzi-lo com seu agir educacional? Em suma, aparece a questão sobre a finalidade da educação.

Segundo Pascual (1999), a resposta deve levar em conta duas dimensões fundamentais: a definição de pessoa humana e sua natureza social (abordaremos a seguir).

Em comentário a questão da finalidade da educação, Beust (2005) enumera algumas respostas: humanizar e personalizar cada pessoa humana em toda a sua trajetória de vida; desenvolver todas as dimensões da pessoa humana na relação consigo, com os outros, com a natureza e com Deus; desenvolver e harmonizar todas as potencialidades humanas, colocando-as a serviço do bem comum e do desenvolvimento integral de todos; cidadania em sentido amplo.

Quando se fala da natureza social da pessoa humana no campo da finalidade educacional tem-se em mente o papel de socialização desempenhado pela educação. De fato, a pessoa humana é capaz de humanizar-se apenas em sociedade, ou seja, inserida na convivência com os semelhantes. E a educação faz exatamente isso: possibilita ao indivíduo o acesso ao patrimônio elaborado pela humanidade. Em posse do mesmo, a pessoa pode lidar com os demais e desenvolver todas as suas capacidades num contínuo processo de humanização. Ao mesmo tempo, ela se torna um agente educativo e sujeito de transformação do patrimônio herdado.

A partir dos pontos até aqui expostos, pode-se concluir que a finalidade da educação não é formar funcionários para o sistema econômico, mas formar pessoas de modo que elas possam se situar no mundo. Reduzir o trabalho educacional apenas a meta econômica é reduzir a pessoa humana e torná-la objeto inconsciente do capital.

3 PESSOA HUMANA

Não basta falar de educação. É preciso conhecer quem se está educando. Para se propor uma educação para a vida é necessário nortear a definição de pessoa humana e um de seus mais nobres aspectos que é a alteridade.

3.1 Definição de Pessoa Humana

Há várias definições de “pessoa”, como a de tipo psicológica, sociológica, axiológica, ontológica. Dentre estas a mais fundamental é a ontológica porque diz o que ela é na sua essência. As demais explicitam um aspecto implícito na definição ontológica, como afirma Lucas Lucas (1993).

O termo “pessoa” (*prosopón*) aparece no mundo grego para se referir à máscara que os atores usavam no teatro. Nas disputas teológicas dos primeiros séculos cristãos, este sentido perdeu o significado e passou a significar *suppositum*, *substantia*, ou seja, fundamento, substrato, algo que está além das aparências (LUCAS LUCAS, 1993).

Foi com Boécio, na Idade Média, que o termo “pessoa” chegou a uma notável formulação. Assim ele a definia: “*naturaerationalis individua substantia*” - substância individual de natureza racional (BOECIO apud LUCAS LUCAS, 1993, p. 254).

De modo sintético, os termos desta definição têm o seguinte sentido: Substância: indica uma realidade que existe por si e em si; Substância individual: a realidade que existe

por si é o indivíduo, os conceitos não existem na realidade, o que há são os indivíduos; Natureza racional: isto é o que distingue a pessoa humana dos demais indivíduos subsistentes.

O elemento que nos mostra o caráter racional na pessoa humana é sua capacidade de *reditio completa, voltar-se completamente sobre si*. Como nos explica Lucas Lucas (1993, p.256), isto “implica um retorno do homem sobre si mesmo, uma capacidade de estar presente a si mesmo, realidade que se verifica em dois atos: a autoconsciência e autodeterminação”.

Esta substância individual de natureza racional é composta de duas partes: corpo e espírito. São duas realidades incompletas orientadas uma para a outra que se interpenetram formando uma unidade. O espírito humano, criado por Deus, informa o corpo, gerado pelos pais, fazendo-o ser corpo humano. A partir daqui se tem uma dualidade na unidade: corpo e espírito, unidade psicossomática. A pessoa humana é espírito encarnado. Este tipo de posicionamento, podemos encontrar em autores como Aristóteles, Tomás de Aquino e Lucas Lucas. A educação tem, portanto, a ver com um sujeito que é corpo e espírito. Deste modo, não se educa corpos, bem sim espíritos encarnados.

Por razão desta constituição ontológica, a pessoa humana adquire um valor absoluto. Primeiro, porque é aberta ao absoluto. Enquanto ser espiritual, a pessoa pode “espichar sua vida para mais além”, superar os limites da matéria e colher o finito no horizonte do infinito. Ela é um ser aberto. Quer sempre saber algo, indaga constantemente, nunca está satisfeita; quer aprender para ir além. Trata-se de uma exigência originária, uma exigência de transcendência. Mas até que ponto a pessoa humana pode ir? Quando repousarão sua inteligência e vontade? Somente quando encontrar algo ilimitado ou absoluto. Dizia Santo Agostinho (2002, p.19): “*fecisti non ad te, et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te*”³. Este absoluto é Deus.

Em segundo lugar, a pessoa humana é abertura ao absoluto porque é um fim em si mesma e tem a razão de ser em si. Isso quer dizer que por si, a pessoa humana pode buscar o absoluto. Impedir que isso aconteça significaria uma redução da pessoa à coisa.

Destes dois pontos derivam os direitos e deveres da pessoa. Ela é sempre fim em si mesma, nunca pode ser usada como meio. Lucas Lucas afirma que:

[...] diz respeito à pessoa, em si mesma, efetivar a própria realização. A pessoa nasce com a plenitude da natureza realizada em nível de constituição ontológica, mas não em nível de constituição psíquica e moral; neste sentido, deve percorrer um caminho que a leva à plena realização: no exercício da autoconsciência e da autodeterminação. [...] Por isso a pessoa tem o direito

³ Fizeste-nos para ti, e inquieto está nosso coração enquanto não repousa em ti.

de pretender que sejam respeitados todos os elementos constitutivos que lhe garantem esta realização. (1993, p. 263).

Os direitos naturais, entre eles o de aprender e conhecer a verdade garante a pessoa humana alcançar o seu fim. Desrespeitá-los é não permitir que a pessoa humana torne-se plenamente humana, é um crime.

3.2 Alteridade como uma dimensão constitutiva da Pessoa Humana

Do “ser pessoa humana” derivam as dimensões constitutivas deste modo de ser: corporeidade, historicidade, intersubjetividade e alteridade. São todas expressões próprias do ser pessoal. Entre elas gostaríamos de analisar, brevemente, a alteridade.

Posto de maneira simples, alteridade é a capacidade de ser o "outro" de alguém, o que envolve a capacidade educativa de oferecer referências claras e estáveis a alguém. Caso não tenhamos uma exata compreensão da importância da alteridade, nossas capacidades educativa e relacional reduzem-se ao extremo. Assim, não será possível educar alguém tentando ser o "mesmo" desse alguém, o "idem" desse alguém, simplesmente porque, nesse caso, não haverá verdadeiramente "alguém outro" na frente desse educando, com quem ele possa relacionar-se. O professor não terá aluno, o pai não terá filho, nem o filho terá pai.

A alteridade consiste em assumir, como adultos, a árdua tarefa de desenvolver a capacidade de ser o "outro" do aluno, com vistas a obter a verdadeira identidade, a capacidade de ser idênticos a nós mesmos, educadores que somos (LUCAS LUCAS, 1993). Idem, o mesmo; alter, o outro, eis a chave básica da compreensão.

Na vida sócio-afetiva buscamos, em geral, a identidade, porque acreditamos que ela nos proporciona uma relação mais acolhedora e compreensiva, com mais possibilidades de se tornar uma relação bem sucedida. Crescemos e, crescendo, nasce uma nova necessidade, não mais a necessidade de ser "idem", mas de conseguir suportar a difícil tarefa de ser "alter", de ser distinto, de buscar o posicionamento pessoal que nos fará, por diferentes, únicos. Nós não somos originais e únicos porque somos "idem". Ao nos identificar com os outros, somos mais um. A identidade nos torna universais, a alteridade nos torna originais. A identidade faz de cada um de nós, apenas mais um; a alteridade nos faz um "outro".

Ainda se pode dizer que alteridade é ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem. A nossa tendência é dominar o

outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e, aqueles que não foram à escola, sabem outras tantas, e graças a essa complementação vivemos em sociedade.

4 EDUCAR PARA A VIDA

Uma vez compreendido em linhas gerais o centro da educação, a pessoa humana, não se pode pensar um projeto educacional sem levar em conta suas exigências originárias, do contrário se teria uma ditadura educacional. Almeja-se continuar formando peças inconscientes para um sistema econômico? Os educadores se empenham numa nobre missão e são chamados a serem fiéis a ela. Propõe-se aqui uma reflexão educacional que olha o homem como um todo e busca o seu aprimoramento em relação ao seu fim último e ao bem da sociedade de que é membro. É importante para o educador ter em mãos a pessoa inteira e educá-la de forma completa. De modo que ela seja capaz não somente de estar-no-mundo, mas também de “ser-com-os-outros” de modo humano, enfim preparada para a vida com toda a sua complexidade.

De tudo o que foi aqui exposto, pode-se deduzir uma proposta pedagógica que leva em conta todos estes aspectos.

4.1 Educação Personalizadora

A pessoa humana não nasce pronta, é um constante atuar de um projeto de vida no tempo e espaço mediante o exercício da liberdade. A educação, seja familiar ou escolar, se coloca como uma via por meio da qual a pessoa constrói sua identidade e história.

A personalidade de uma pessoa é fruto da combinação dos fatores biológicos com as relações sociais que o indivíduo mantém e sua liberdade. A escola, onde o indivíduo passa várias horas e anos, é um lugar privilegiado de relações e vivências. Nela descobre-se a realidade do mundo nos seus variados aspectos e aí mesmo começa a elaborar uma síntese pessoal entre saber e vida real, entre microcosmo e macrocosmo. Neste movimento forja-se sua personalidade. São pertinentes algumas indagações: qual é o ambiente proporcionado pelas escolas? Que tipo de relações predomina no meio escolar?

A educação tem hoje um grande desafio: recuperar as pessoas como sujeitos da própria história e despertá-las do sono da irracionalidade. É importante se preocupar não em

formar funcionários de um sistema, mas em formar pessoas de modo que elas possam se situar no mundo. Para isso se há que suscitar no educando a pergunta sobre si e sobre aquilo que ele encontra no mundo como meio de transcender o próprio contexto de inserção e assim construir o novo.

Educar é, assim, tornar as pessoas capazes de detectar e criticar a irracionalidade presente no próprio sujeito, no mundo das instituições da vida social, como nos discursos humanos que se pretendem racionais, o que só se faz possível na medida em que os sujeitos da interação social aprendem a conduzir suas vidas radicadas em procedimentos argumentativos com vista à consecução de consensos fundados (OLIVEIRA, 2001, p. 284).

Falar de educação personalizadora e de atitudes é falar de valores. Mediante a sua assunção na vida pessoal o homem se humaniza e torna o mundo mais belo. A escola, mais uma vez, é o lugar privilegiado para a aprendizagem e vivência deles.

Por valor entendemos “aquelas ideias e conceitos que servem como referenciais ideais que norteiam atitudes, sentimentos, raciocínios, entendimentos e decisões dos seres humanos” (BEUST, 2005, p. 14). Há valores construtivos e destrutivos. É aqui que os educadores desempenham um papel insubstituível: conduzir os educandos ao conhecimento e interiorização dos valores que promovem o ser humano.

Mas o que constrói, o que destrói? O que forma ou deforma a pessoa? Pode-se ter ciência disso? Em meio à necessidade da educação em valores construtivos, vigora a ditadura do relativismo. O que hoje é certo, amanhã é errado. Diz Fonseca que o relativismo atingiu também o mundo dos valores colocando em cheque as estruturas fundamentais do homem contemporâneo provocando uma crise na família e na escola. Afirma Fonseca:

[...] é senso comum entre educadores a constatação de que está ainda mais difícil trabalhar em sala de aula diante de crianças e jovens ainda mais agressivos e individualistas. Está muito mais difícil educar nos valores, pois se tem a nítida sensação de que eles não os motivem nem lhes interessam. A mesma experiência acontece dentro da família. Muitos são os pais que encontram sérias dificuldades para educar seus filhos na verdade, na justiça, no respeito, no amor. Escola e família, ambas experimentam no cotidiano a difícil tarefa da educação moral. (2005, p. 10).

Vivemos numa ditadura do relativismo moral. Mas será que tudo é relativo? Impossível, pois o simples fato de afirmar que tudo é relativo é já dizer algo de certo. O que ocorre em nossos dias é a perda de um referencial objetivo, e a caída num aprisionamento da subjetividade absolutizada. O critério último do bem e do mal não está sendo mais o dado objetivo, mas sim o subjetivo. É preciso voltar os olhares para a pessoa humana naquilo que

ela é. Somente assim percebe-se suas exigências originárias e pode-se distinguir o que constrói e o que destrói o homem. Tendo em vista o que foi dito antes, deduz-se que é construtivo o que faz a pessoa humana alcançar seu pleno desenvolvimento que coincide no encontro com o absoluto. É destrutivo o que impede ou afasta o homem de ter vida plena.

Pensando na prática educativa, para favorecer o aprendizado e internalização dos valores, Fonseca sugere “que a escola crie espaços extraclasse para que seus alunos possam fazer experiências crescentes de fraternidade e solidariedade” (2005, p.11) e recebam certificados de estágios sociais juntamente ao de conclusão de curso.

4.2 Educação Comunitária

Sabe-se que atualmente a concorrência é uma marca dominante no mundo do trabalho. Conseguir um emprego é sinônimo de competição e sucesso individual. A escola, por sua vez, acaba semeando esta realidade ao seu interno, como atesta o relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (DELORS, 2003).

Vive-se em tempos de sociedade planetária, as fronteiras foram rompidas pelos avançados meios de comunicação e transporte. As máquinas e computadores entraram no cotidiano das pessoas e não se pode voltar atrás. O universo dos relacionamentos humanos está se ampliando. Entre as nações cresceu o nível de relação direta entre si e com isso perceberam suas diferenças, às vezes complexas.

Neste contexto, percebe-se que grande parte das pessoas passou a ver o outro como um inimigo que precisa ser vencido. “Para eu ganhar o emprego, preciso ser melhor do que o meu concorrente”. Não se pode exercer os direitos porque eles terminam quando começam o direito do outro. Então, para fazer o que se quer, é preciso, às vezes, eliminar o seu próximo.

Há mais um desafio para a educação: a pessoa humana é um ser aberto para o outro, mas ela não está vivendo isso. O homem pós-moderno está se matando porque, movido pela sede do ter e do prazer, está anulando o outro. Precisa-se, então, de uma educação reveladora do outro como uma ajuda, um complemento e não como um concorrente, um inimigo ou obstáculo a ser removido.

Diante da globalização, a escola é chamada a ajudar os alunos a

[...] saber situar-se corretamente em relação às pessoas e à natureza numa perspectiva de reconhecimento universal. A educação deve apontar para a comunhão universal dos seres humanos uns com os outros e com a natureza de que são partes integrantes. (OLIVEIRA, 2001, p. 288).

Educar, portanto, para a alteridade, exige-se a aprendizagem da convivência universal. Transformemos as escolas em comunidades de alteridade. Aqui entra a perspectiva da generosidade. Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível porque, se tirar essa via, caio no colonialismo, vou querer ser como ele ou que ele seja como sou.

Pensando nos conflitos próprios do pluralismo as instituições de ensino podem ajudar as pessoas a entenderem que o bem particular e o bem comum são conciliáveis quando elas aprendem a se posicionarem no mundo e se tornarem responsáveis pelo outro. A este respeito o filósofo francês, Jacques Maritain, disse:

[...] se o gênero humano superará as terríveis ameaças de escravidão e de desumanização que hoje enfrenta, ele terá sede de novo humanismo e terá ansiedade, seja em descobrir a integridade do homem, seja também em terminar com as divisões internas que tanto fizeram sofrer a época precedente. Para corresponder a este humanismo integral é necessário que se promova uma educação integral [...]. O problema consiste em substituir o individualismo da idade burguesa não com o totalitarismo ou com o coletivismo da colmeia, mas com uma civilização personalística e comunitária, fundada sobre os direitos humanos e que satisfaça as aspirações e as necessidades sociais do homem. A educação deve pôr fim à discórdia entre a exigência social e a individual no próprio homem. Ela deve, portanto, desenvolver conjuntamente o sentido da liberdade e o da responsabilidade, o sentido dos direitos humanos e dos deveres humanos; a coragem de afrontar riscos e exercitar a autoridade para o bem geral e, ao mesmo tempo, o respeito pela humanidade de cada pessoa individualmente. (1999, p. 83-90).

Algumas indicações são apontadas para uma educação comunitária, segundo o livro *Educação: um tesouro a descobrir* (DELORS, 2003): “ajudar o aluno a autoconhecer-se para compreender o outro e suas reações; o professor apresentar-se como modelo de diálogo; aproveitar melhor as aulas de Geografia humana, Literatura estrangeira e Ensino religioso como espaços de educação da valorização do outro; desenvolvimento de projetos que valorizam o que há de comum entre os alunos; promover o esporte, atividades culturais e serviços de solidariedade”.

4.3 Educação para o Transcendente

A pessoa humana vê o finito no horizonte do infinito. Cada pergunta que faz é expressão de um desejo infinito de saber. Ela busca, rompe limites, colhe o universal no particular. Ela é essencialmente abertura ao ser, ou seja, a pessoa se move em direção ao ilimitado, ao absoluto. Este absoluto é Deus que se revela historicamente aos povos.

Eles acolheram sua revelação e a traduziram em um conjunto de práticas, concepções e comportamentos. Isso lhes permitiu superar o dilema provocado pelas perguntas fundamentais da vida: quem sou? De onde vim? Para onde vou?

Existe uma pessoa que se relaciona com a Transcendência ou tem a necessidade de “espichar a vida para mais além”. Como assinala Anibal Fornari, “a percepção do ‘mais além’ começa quando a razão se abre a uma realidade que não pertence ao homem, mas na qual ele se encontra”. Continua ele, “a razão é aberta e nela está a fé que é a capacidade de reconhecer uma presença significativa na própria vida, aliás, a presença mais significativa da vida” (apud ALPHA PEREZ, 2005). Essa capacidade, inerente ao ser humano, é reconhecida pelo governo brasileiro que aprovou, pela lei 9.475/97, o Ensino Religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, isento das variadas formas de proselitismo.

Então, pelo motivo da pessoa ter esta capacidade que lhe garante integridade e superação da sua finitude, a escola deve ser uma promotora e defensora da liberdade religiosa fundamentada no ser pessoa, aberta ao absoluto e fim em si mesma.

A busca pelo absoluto está ligada à busca pela verdade. É de se reconhecer que a pessoa humana, por ser dotada de razão e vontade livre, naturalmente a procura e assim o deve fazer. E uma vez encontrando-a deve aderir e ordenar sua vida segundo esta verdade, do contrário estaria negando sua própria natureza racional.

Esta verdade transcende o sujeito cognoscente e isto é garantia de liberdade, pois se a verdade fosse algo absolutamente subjetivo, então seríamos escravos de nós mesmos e não mais seria possível o nosso ser-em-comum. De fato, para viver em sociedade e nela alcançarmos a liberdade é necessário aderirmos a uma verdade objetiva aderida por todos, caso contrário teríamos uma sociedade subjugada ao arbítrio de um grupo e por ele explorada.

Portanto, uma educação que respeita a pessoa humana é aquela que também se interessa pela dimensão transcendente da vida, do contrário seriam formadas pessoas destinadas a viverem encurvadas sobre si, presas à própria finitude.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todos os argumentos apresentados conclui-se que educar para a vida na sua totalidade é o grande desafio da educação. A humanidade não pode continuar tendo seus membros atrofiados por razão de um sistema econômico e um ensino que reproduz o seu modelo onde as pessoas são instigadas a “ter” e não a “ser”. Dado o aqui exposto, deduzimos que a pessoa humana, espírito encarnado, possui exigências originárias que devem ser satisfeitas: exigência de vida, verdade, liberdade, bem e belo. É preciso, antes de tudo, aprender a ser.

Neste sentido, a atenção se volta para o educador: pais, responsáveis e professores. Ao término deste artigo, nota-se que eles são a chave mestra do educar para a vida porque são aqueles que farão o educando tomar consciência da própria vida. Eles são a referência para quem está abrindo os olhos para o grande mundo. É preciso ver esta missão mais que uma simples tarefa, e sim como uma arte que exige um desdobramento de si para ir de encontro ao outro que espera uma mão para aprender caminhar.

Vários professores se esforçam para educar para a vida. A fim de obterem êxito, eles precisam contar com o poder público, a colaboração das famílias e, em particular, dos meios de comunicação social. Urge tomar consciência que educar é dever de todos. Faz-se necessária uma intervenção, sobretudo da TV e mundo da música, para que a juventude possa acordar do sono da irracionalidade e despertar para a vida, evento ímpar da criação. Se isso não ocorrer, o ser-em-comum se tornará impossível, pois até se poderá saber operar as máquinas mais avançadas, contudo não se saberá ser-com-os-outros.

Inspirada na Constituição Brasileira e nos estatutos universais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a educação brasileira busca o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, a partir dos princípios de liberdade e ideais de solidariedade humana. Em última análise, o fundamento destas inspirações não pode ser outro senão Deus, pois do contrário ter-se-á sempre a possibilidade de haver uma sociedade totalitária onde o Estado, finito, quer fazer feliz quem é aberto para o infinito.

REFERÊNCIAS

ALPHA PEREZ, Juliana. **Razão aberta à Realidade**. Disponível em <pucsp.Br/fecultura/fornar01.htm> Acesso em 27 setembro de 2005.

ARISTOTELE. **L'anima**. Milano: Ruscone, 1996.

BEUST, Luís Henrique. O valor dos valores na educação. **Diálogo**. São Paulo: n.37, p. 14-18, 2005.

CATÃO, Francisco. Valores e religião. **Diálogo**. São Paulo: n.37, p.20-23, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Fraternidade e educação: a serviço da vida e da esperança**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1988.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Pastoral da Educação: Reflexão e organização**. Brasília: Gráfica e Editoria Peres Ltda, 5 ed., 2001.

D'AQUINO, San Tommaso. **La Somma Teologica**. Bologna: Studio Domenicano, 1984.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO e MEC, 8 ed ., 2003.

FONSECA, Laez Barbosa. Valores que permanecem. **Diálogo**. São Paulo: n.37, p. 8-12, 2005.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na humanização**. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/obras/artigos/6.html>. Acesso em 25 de junho de 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LUCAS LUCAS, Ramon. **L'uomo. Spirito Incarnato**. Alba: Edizioni Paoline, 1993.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão**. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: Editora Paulinas, 2001.

PASCUAL, Fernando. **Educación y comunicación em Platón: una contribuciónal debate actual em torno a escuela de Tubinga-Milán**. Barcelona: PPU, 1996.

PASCUAL, Fernando. **Educación, metafísica y epistemologia**. Algunas reflexiones para laeducación de la filosofía. **Alpha Omega**, Roma: 2 (1999), p. 483-520.

PONTÍFICIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compendio da Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Editora Paulinas, 2005.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Editora Paulus, 2002.